

Bloco Sul

Boi de mamão

O **boi de mamão** é uma festa que acontece em Santa Catarina e no Paraná e é uma variação do boi-bumbá do Nordeste. Nessa festa, muito colorida e com vários personagens, o boi adoece, morre e volta a viver. A história conta a tristeza de um cavaleiro simples que, ao ver seu boi de estimação morto, busca um médico e um curandeiro para ressuscitá-lo. Ao fim, o boi volta à vida e todos comemoram com cantorias e danças. Há ainda a Bernúncia, um dragão com a boca gigante, que durante o espetáculo vai em direção ao público brincando de “engoli-lo”. Acontece entre o Natal e o Carnaval.

Versos do boi de mamão

Olé, olé, olé, olé, olé, olé,
Arreda do caminho
Que Bernúncia qué passá.
Cadê ela, onde está?
Manda ela prá cá
Que venha brincar,
A Bernúncia é dana,
A Bernúncia engole gente
E é boa pra pular
Arretira Bernúncia
Arretira pra fora
Que nós temos de ir embora!
Coro: Bernúncia (o coro responde).
Arreda, arreda,
Senão ela te come!
Arreda do caminho,
Que a Bernúncia tá com fome!

Domínio público.

Orientações didáticas

É possível dizer que na Educação Infantil grande parte das manifestações folclóricas regionais começa a ser preservada, divulgada e compartilhada. Cantigas, brincadeiras de roda, folguedos, pratos típicos da culinária e danças podem ser bem utilizados pelos professores em seu cotidiano, em uma ação que colabora não só para o processo de socialização das crianças como para a formação de seu repertório cultural.

O trabalho com o **boi de mamão** pode ser centrado na música, tanto para os bebês menores como para as crianças de dois e três anos de idade e visa aos seguintes objetivos: incentivar a musicalização e a apreciação pela música; incentivar a socialização, já que as canções do folguedo serão executadas em grupo, com a participação de todos (batendo palmas ou tocando instrumentos de percussão, por exemplo); estimular noções de ritmo e de percussão; estimular a expressão corporal; possibilitar o conhecimento de uma manifestação cultural bastante significativa na região em que as crianças vivem.

Caso seja possível, e de acordo com as condições do estabelecimento de ensino, recomendamos providenciar instrumentos de percussão para a realização do trabalho. Alguns desses instrumentos como o chocalho, o pandeiro, o reco-reco, o ganzá, o triângulo e o tambor são relativamente simples de serem manipulados por bebês que já conseguem segurar pequenos objetos e por crianças bem pequenas.

A batida das canções que acompanha a festa do boi de mamão é bastante animada e marcante. Por isso, é interessante começar a cantar os versos com as crianças (tanto os bebês como as crianças de até três anos de idade). Os bebês, especificamente aqueles de até um ano e meio de idade, podem ser incentivados a acompanhar a batida das canções com palminhas (para aqueles que já desenvolveram essa habilidade) e com o chacoalhar de algum dos instrumentos de percussão. É interessante considerar que as crianças irão simplesmente explorar os instrumentos, ou seja, brincar livremente com eles; não há, aqui, o objetivo de ensinar algo técnico.

Ao cantar os versos da música para as crianças de dois e três anos de idade, pedir a elas que fiquem em pé, em fila, e que tentem andar no ritmo da batida enquanto cantam a música e batem palmas. Andar, cantar e bater palmas (tudo ao mesmo tempo) pode ser algo bastante complexo para as crianças dessa faixa etária, mas certamente a tentativa vai proporcionar momentos de diversão e será uma porta de entrada para a melhora da coordenação motora.

Realizar uma brincadeira diferente com os bebês e com as crianças de até três anos de idade. Assim, se possível, confeccionar um dragão com boca grande para representar a personagem Bernúncia, utilizando, por exemplo, papelão e tecido. A cabeça da Bernúncia pode ser feita de papelão e seu corpo, de tecido. Seria interessante se o corpo desse dragão fosse confeccionado de modo a permitir a passagem das crianças por dentro dele, como se estivessem em um túnel. Assim, as que já engatinham e aquelas que já adquiriram a habilidade de andar podem ser incentivadas a passar por dentro da Bernúncia, entrando primeiramente por sua boca e depois atravessando o túnel de tecido que representa seu corpo.

Dobradura do boi de mamão

Material:

- 4 pedaços de papel colorido cortados em quadrado de 30×30 cm
- Cola escolar branca
- Papéis coloridos para decorar
- Lápis de cor e canetas hidrocor para fazer os detalhes

Como fazer a dobradura:

- Dobrar os papéis de acordo com as imagens do link: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25584>>. Acesso em: 22 jan.2018.
- Em seguida, colar o chifre na cabeça do boi e, por último, o corpo.
- Utilizar papéis coloridos, canetas e lápis de cor para decorá-lo.

Orientações didáticas

Trabalhar com dobraduras em papel é algo enriquecedor especialmente para as crianças de dois e três anos de idade, que já possuem algumas habilidades que permitem a confecção de dobraduras individuais.

Os bebês menores, ou seja, aqueles que possuem até um ano e meio de idade, ainda procuram explorar o mundo com a boca. Por isso, para bebês dessa faixa etária, o trabalho com papel é algo um pouco mais delicado, que precisa ser feito com mais cuidado. Assim, pode-se optar por fazer somente uma grande dobradura do boi de mamão (sendo que somente o professor vai manipular o papel, na maior parte do tempo). Já para aqueles mais velhos, a partir de um ano e meio de idade até os três anos de idade, é possível incentivar a montagem de uma dobradura pela criança, tomando, é claro, os devidos cuidados na manipulação do material.

Entre os objetivos do trabalho com a confecção de uma dobradura estão: incentivar habilidades artísticas; incentivar a imaginação e a criatividade; ampliar o desenvolvimento motor (movimento de “pinça” ou motricidade fina, movimentos de dobrar e rasgar papéis etc.); incentivar a concentração; fazer com que as crianças percebam que a realização de um trabalho manual necessita de ordem, planejamento, sequência de etapas etc.

Se possível, usar um rolo bem amplo de papel *Kraft* para fazer a única dobradura do boi de mamão com as turmas de bebês de até 1 ano e meio de idade. Organizar uma roda com as crianças e conversar com elas sobre o boi de mamão enquanto a dobradura é executada. Durante a atividade, elas podem cantar ou ouvir canções do folguedo.

As crianças de um ano e meio de idade até três anos podem realizar dobraduras individuais; porém, dobrar papéis de forma ordenada e seguindo os padrões da dobradura do boi de mamão pode ser algo complexo para as crianças dessa faixa etária e elas certamente pedirão a ajuda do professor. Por outro lado, manipular giz de cera ou lápis de cor já faz parte do cotidiano da maior parte das crianças dessa faixa etária e, portanto, é possível que se sintam bem à vontade nessa etapa da brincadeira, ou seja, no momento de pintar e decorar o boi de mamão.

As dobraduras, já prontas, podem servir para decorar a sala e outras partes do estabelecimento de ensino.

Pau de fita

Essa dança tem origem portuguesa, porém, alguns registros dizem que foram os imigrantes alemães que trouxeram o pau de fita para a região Sul do Brasil.

Os participantes dançam, fazendo uma ciranda, em volta de um mastro com mais ou menos três metros de altura e com fitas coloridas fixadas em seu topo. Ao final, faz-se o movimento contrário para se destrançar as fitas.



fewerton/Shutterstock.com

Pau de fita, uma dança típica do folclore de Portugal. Na imagem, turistas observam os movimentos e alguns se arriscam a participar dela. Lisboa, Portugal, 2014.

Cantoria do pau de fita

O amor quando nasce
Parece uma flor
É tão delicado
Tão cheio de amor
Seria tão bom
Que ele fosse uma flor
Sem ter espinhos
Da dor
Depois que tudo
É sonho ao luar
Começam os desencantos
O amor passa a existir
Nessa voz do nosso canto

Domínio público.

Como dançar:

- Amarrar no alto de um mastro fixo (que pode ser um cabo de vassoura ou um cano de PVC) várias fitas coloridas (uma para cada criança).
- Cada criança deve segurar uma ponta da fita.
- Quando iniciar a música, as crianças começam a andar em torno do mastro no sentido horário.
- Com as crianças maiores, podem ser feitos movimentos para trançar as fitas.
- Depois que todas as fitas estiverem trançadas ou enroladas em torno do mastro, a dança recomeça com as crianças girando no sentido contrário e desenrolando as fitas.

Orientações didáticas

Vale a pena reproduzir a dança do **Pau de fita** com as crianças, mostrando a elas que essa é uma manifestação cultural importante e bastante antiga na região Sul do Brasil.

A dança pode ser realizada tanto com os bebês menores quanto com as crianças maiores, de até três anos. Mesmo que os bebês menores não consigam, necessariamente, participar de forma autônoma da dança, o visual das fitas e de suas cores será, para eles, um bom estímulo. Entre os principais objetivos de se realizar a dança do pau de fita na Educação Infantil estão: apresentar às crianças uma dança típica da região em que vivem, estimulando o gosto pelas manifestações culturais regionais; incentivar o exercício físico; incentivar o gosto pela história das danças típicas da região Sul; aprender a coordenar movimentos seguindo os passos da dança e a ordenação das fitas.

Não é preciso adaptar os materiais utilizados na dança caso a escola conte com um mastro, como o de uma rede de vôlei, por exemplo. É nele que as fitas serão fixadas para que possam ser manipuladas durante a dança. Porém, é possível fazer adaptações, usando, como mastro, um cabo de vassoura ou um cano de PVC. É necessário tomar o cuidado para fixá-lo de modo seguro no chão, utilizando, por exemplo, uma lata preparada com cimento. É possível, também, pedir a um adulto que segure o mastro no centro da roda. Também é necessário garantir que o mastro seja alto o suficiente para não atrapalhar a livre movimentação das crianças.

Também será preciso fitas coloridas, de preferência bem largas, para que possam ser manipuladas pelas crianças (no caso, especialmente por aquelas que adquiriram recentemente a habilidade de andar). Deve-se prender as fitas no topo do mastro, inserindo, de preferência, uma fita para cada criança. Caso seja possível, confeccionar um enfeite para colocar no topo do mastro, também pode-se enfeitar com tecidos ou papéis pintados.

Na dança das crianças maiores, que já desenvolveram a habilidade de andar, cada uma irá segurar a ponta de uma das fitas. Numa versão bem simplificada da dança, as crianças irão simplesmente andar em volta do mastro segurando as respectivas fitas, para que sejam trançadas, dando o efeito visual da dança. A ideia, depois, é desenrolar as fitas, fazendo com que as crianças andem em volta do mastro no sentido contrário. Durante a dança, cantar os versos da canção com as crianças, se possível utilizando alguns instrumentos de percussão.

Os bebês menores podem ser posicionados em volta do poste para que possam apreciar o movimento das fitas e o ritmo da canção. Aqueles que já engatinham e que já ficam em pé, apoiados, podem ser incentivados a trançar as fitas no mastro com a ajuda do professor.

Pezinho

A dança do **Pezinho** tem origem em Portugal e hoje faz parte da cultura da região Sul do Brasil. Na dança, todos cantam, marcam o ritmo com os pés e os pares giram ao redor de si próprios, de braços dados.

Pezinho

Ai bota aqui, ai bota ali
O teu pezinho,
O teu pezinho bem juntinho
com o meu.

Ai bota aqui, ai bota ali
O teu pezinho
O teu pezinho o teu pezinho
Ao pé do meu.
Depois não vá dizer
Que você já me esqueceu
Depois não vá dizer
Que você já me esqueceu

Domínio público.

Como dançar:

- Esta é uma música para dançar em pares.
- As crianças devem estar uma de frente para a outra e de mãos dadas e, quando começar os versos da canção, devem levar um dos pés para frente e o balançar junto de sua dupla.
- Na parte em que diz “Depois não vá dizer, que você já me esqueceu” devem dar um dos braços e fazer uma volta completa, trocando os braços e dando outra volta.
Há disponível na internet um vídeo da dança **Pezinho** com casais de crianças:
- **Dança do pezinho.** Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ZCue0SKuUrl>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Orientações didáticas

Inserir a dança no cotidiano, na forma de pequenos projetos ou pequenas oficinas de dança, constitui atividade importante para a socialização, para a afetividade e para o desenvolvimento motor das crianças de todas as faixas etárias. Andréa Regina Fonseca Silveira, professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, comenta:

Pensamos que a dança pode promover, por meio de sua materialização nas práticas docentes, a ampliação do conhecimento e reconhecimento das manifestações culturais, o aumento do repertório de movimentos corporais, a sensibilização, expressividade e criatividade. Não obstante, temos percebido que as crianças valem-se das danças também como meio de interação e comunicação corporal, ou seja, através da dança as crianças aprendem a tocar em seu próprio corpo, nos outros corpos que estão no mesmo espaço, a transmitirem sensações, emoções e sentimentos por meio do diálogo corporal que estabelecem dançando. [...] Experimentamos junto às crianças (pois tudo que experimentamos nos toca e de certa forma permanece conosco, seja na memória ativa ou esquecida) os diferentes tipos de dança com o objetivo de manifestar sua capacidade de comunicação através do corpo e dos sentidos. Sem adjetivar os movimentos das crianças, sem focalizar sua quantidade ou qualidade, sem tencionar rendimento ou pressa, procuramos oportunizar a dança como pura expressão corporal e, porque não, como sinônimo de brincadeira e/ou divertimento.

SILVEIRA, Andréa Regina Fonseca. **Faz melão, faz melancia**: um relato sobre dança, educação infantil e educação física (zero a seis). Florianópolis, UFSC, n. 25. v. 14, p. 81-88. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroiseis/article/view/1980-4512.2012n25p81/20084>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Desse modo, entre os principais objetivos de se inserir a dança no cotidiano da Educação Infantil, estão: dar às crianças a oportunidade de experimentar manifestações culturais diversas (especialmente quando a dança está atrelada a uma manifestação da cultura tradicional regional, como é o caso da dança do Pezinho); proporcionar a descoberta de habilidades novas; incentivar o desenvolvimento motor e noções de organização, concentração, trabalho em grupo, ajuda mútua e valorização de laços afetivos.

É muito comum que estudos sobre o uso da dança na Educação Infantil se dediquem ao trabalho com as crianças entre quatro e cinco anos de idade, já que, em geral, a coreografia é muito valorizada e as crianças dessa faixa etária apresentam maior facilidade para a fixação dos passos, do tempo da dança etc. Porém, é possível inserir a dança entre as crianças menores, deixando claro, nesse caso, que ela está ligada a uma brincadeira; a dança deve ser realizada de forma improvisada e sem muita relação com coreografias fixas. Crianças de dois anos, por exemplo, ou até menores, já conseguem imitar os movimentos repassados por outras pessoas, e elas se interessam muito por aprender movimentos diferentes no processo de conhecer o próprio corpo.

Assim, a dança do Pezinho, de forma bem simples, quando executada sem preocupações com coreografias ou arranjos complexos, pode ser oferecida como uma brincadeira.

Balaio

O **Balaio** é uma dança muito popular no Rio Grande do Sul. É uma dança sapateada em que os participantes se organizam em duas rodas formadas por homens e mulheres e que giram em direções contrárias. O nome balaio é por causa da forma de um cesto que algumas mulheres gaúchas dão às suas saias, quando giram rapidamente.

Balaio

Eu queria ser balaio, balaio eu queria ser
Pra ficar dependurado, na cintura de "ocê"
Balaio meu bem, balaio sinhá
Balaio do coração
Moça que não tem balaio, sinhá
Bota a costura no chão
Eu mandei fazer balaio, pra guardar meu algodão
Balaio saiu pequeno, não quero balaio não
Balaio meu bem, balaio sinhá
Balaio do coração
Moça que não tem balaio, sinhá
Bota a costura no chão

Domínio público.

Como dançar:

- As crianças dançam em uma roda sem dar as mãos.
- No verso “Balaio meu bem”, elas devem rodar em volta do próprio corpo e na parte da música em que diz “Moça que não tem balaio, sinhá/ Bota a costura no chão”, as meninas abaixam-se para colocar a costura no chão e os meninos se ajoelham.

Orientações didáticas

A forma de dançar o Balaio, sugerida neste material, é adequada às crianças da Educação Infantil. Para as turmas maiores, de dois e três anos de idade, movimentos como rodar em volta do próprio corpo e se abaixar já fazem parte de seu cotidiano e podem ser reproduzidos com habilidade. Além disso, nessa faixa etária a maior parte das crianças já se interessa pela imitação de movimentos.

Com os bebês menores, é possível organizar uma roda de canto e dança. Se possível, cantar a canção com o acompanhamento de instrumentos musicais (como chocalho) e incentivar os bebês a acompanhar a música.

Se possível, mostrar às crianças fotos de grupos tradicionais do estado do Rio Grande do Sul que se dedicam a preservar e a divulgar a cultura regional pela dança. O vestuário de homens e mulheres que participam desses grupos pode servir de estímulo visual para as crianças. Pode-se entrar em contato com um desses grupos de dança tradicional e convidar seus integrantes para realizar uma pequena apresentação na escola.

Ovo choco

Como brincar:

- Em roda, as crianças ficam sentadas e uma fica do lado de fora segurando um objeto na mão, que será o “ovo choco”.
- Todas as crianças batem palma e cantam a música enquanto quem está fora caminha em volta da roda.
- A criança do lado de fora deve escolher outra, que está sentada, e deixar atrás dela o objeto que tem na mão.
- Quando perceber que está com o “ovo choco”, a criança sai da roda para correr atrás de quem deixou o objeto com ela e tentar sentar em um lugar vago da roda.

Ovo choco

Não olha pra trás
A raposa vem atrás
Não olha pra frente
A raposa vem na frente

Domínio público.

Orientações didáticas

A maneira tradicional de brincar de **Ovo choco** é mais apropriada para as crianças de dois anos de idade ou mais (até três anos de idade, no caso). Isso porque, para brincar, as crianças precisam ter desenvolvido algumas habilidades, como obedecer às regras e internalizar padrões. As simples atitudes como permanecer sentada em roda, escolher um colega com o objeto na mão, tomar decisões rápidas e exercitar um estilo de brincadeira que se aproxima do pega-pega são complexas e, portanto, adequadas para as crianças maiores de dois anos.

Brincadeiras como essa, que remetem aos costumes e à cultura tradicional da região Sul, constituem atividades enriquecedoras na medida em que desenvolvem habilidades motoras nas crianças e, ao mesmo tempo, trazem para o cotidiano delas um pouco sobre as manifestações culturais da região em que vivem.

Entre os principais objetivos da brincadeira do Ovo choco, quando realizada com crianças maiores de dois anos de idade, estão: incentivar o exercício físico e o desenvolvimento motor; incentivar a socialização e atitudes de ajuda mútua, respeito e organização; fazer com que as crianças compreendam que lidar com a espera e com a “ansiedade” resultante dessa espera (afinal, quem será o escolhido com o ovo choco?) faz parte da brincadeira e é algo que pode ser controlado por elas; tomar atitudes rápidas; saber obedecer às regras e entender padrões; conhecer mais sobre seu próprio corpo e seus limites.

É possível aproveitar o ritmo divertido da canção com os bebês menores de dois anos. Reuni-los em uma roda, sentados ou não, e incentivar uma cantoria coletiva traz ótimos resultados para a socialização e para a apreciação musical. Os bebês menores, que ainda não desenvolveram a habilidade de sentar sozinhos sem apoio, podem permanecer deitados ou sentados em cadeirinhas, de forma segura, de acordo com os padrões usados no estabelecimento de ensino. É interessante perceber que bater palmas, agitar chocalhos, mexer os braços para cima e para baixo, agitar as mãos e as pernas serão estímulos muito agradáveis para os bebês menores.

Caiu na rede é peixe

Organizar as crianças em grupo para contar sobre a brincadeira.

Como brincar:

- Essa brincadeira também é conhecida em outras regiões como pega-pega-corrente.
- Nela, uma criança é escolhida para ser o pegador e as demais devem ficar espalhadas.
- Quem é pego, passa a ficar de mão dada com o pegador, formando uma corrente para tentar pegar o restante das pessoas.
- Cada um que é pego passa a fazer parte da rede.

Orientações didáticas

Essa brincadeira é bastante adequada para as crianças que já desenvolveram plenamente a habilidade de andar e que se encontram nas fases do brincar em que estudiosos chamam de “brincadeira associativa”, entre um ano e meio de idade até os dois anos e meio, em média, e “brincadeira colaborativa” ou “brincadeira cooperativa”, dos dois anos e meio de idade em diante.

Nessas fases, respectivamente, as crianças brincam juntas, interagindo, mas, inicialmente, a atividade consiste em uma brincadeira desestruturada. Somente mais tarde, na fase colaborativa, é que se tornam compartilhadas, com ordem, regras e sentido.

Desse modo, essa brincadeira, que faz parte do leque de brincadeiras tradicionais da região Sul, permite que as crianças “ensaíem” uma atividade estruturada de pega-pega com o acréscimo das mãos dadas sem uma corrente. Os simples atos de correr para fugir de um “pegador”, de “ser o pegador” e de correr de mãos dadas juntamente com outra(s) criança(s) já se caracterizam por uma complexidade enorme. As crianças serão desafiadas, estimuladas e certamente essa brincadeira vai render momentos de diversão e aprendizado.

Entre os principais objetivos de se realizar a brincadeira **Caiu na rede é peixe** com as crianças mais velhas, de um ano e meio de idade em diante, estão: compartilhar uma brincadeira tradicional da região Sul; incentivar o desenvolvimento motor e a prática de atividades físicas; incentivar as primeiras noções de ordem, regras e sentido em uma brincadeira; incentivar noções de ajuda mútua, respeito pelos limites do outro e cooperação.

Para subsidiar o trabalho do professor em sala de aula, sugerimos a leitura do seguinte texto, que fala sobre as “fases do brincar”; essas categorias de brincadeiras são derivadas do sistema proposto, em 1932, por Mildred Parten Newhall, uma socióloga e pesquisadora estadunidense:

— Ausência de brincadeira: quando a criança não parece estar brincando; essa categoria inclui as categorias desocupado e observador de Parten.

— Brincadeira solitária: quando a criança brinca sozinha, seja com algum objeto, seja com seu próprio corpo, e não estabelece nenhuma interação social relacionada ao conteúdo e propósito da brincadeira, nem faz qualquer esforço para se aproximar de outras crianças.

— Brincadeira paralela: quando a criança brinca próxima a um ou mais companheiros, com brinquedos semelhantes ou sobre um mesmo tema, porém de maneira independente e não necessariamente igual, sem interagir quanto à brincadeira e sem tentar influenciar o brincar do outro.

— Brincadeira associativa: quando duas ou mais crianças brincam juntas, de modo semelhante, sobre o mesmo tema; elas interagem, seguem umas às outras, emprestam e tomam emprestados brinquedos, porém não há divisão de tarefas e nenhuma organização.

— Brincadeira cooperativa: quando há, na brincadeira de duas ou mais crianças sobre um mesmo tema, cooperação ou competição, divisão de tarefas e de papéis.

BONOME-PONTOGLIO, Carina de Figueiredo; MATURANO, Edna Maria. **Brincando na creche**: atividades com crianças pequenas. Estudos de Psicologia. Campinas, SIBi/USP, n.3, 2010. v.27, p. 368. Disponível em: <<http://producao.usp.br/handle/BDPI/7880>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Coelho sai da toca

Propor que se reúnam com dois amigos para formar grupos com três crianças.

Como brincar:

- Em roda, as crianças se organizam em trios e dois de cada trio dão as mãos para fazerem uma “toca”.
- A criança que é o coelho e deve ficar dentro da toca.
- Uma criança deve ficar no centro da roda, sem toca, e quando ela disser "Cada coelho na sua toca", os coelhos devem sair de suas tocas e escolher uma outra para entrar.
- A criança que perdeu a toca fica no meio da roda e a brincadeira recomeça.

Orientações didáticas

Essa brincadeira, típica da região Sul do país, é bastante adequada para crianças maiores, que já desenvolveram plenamente a habilidade de andar e que já brincam seguindo algumas estruturas, regras e padrões. Portanto, recomendamos que ela seja executada com crianças entre dois anos e três anos de idade, considerando-se os limites de cada criança e a fase de desenvolvimento em que ela se encontra (há estudos que recomendam essa brincadeira para os maiores de quatro anos de idade).

Existe uma variação interessante dessa brincadeira, mencionada por Ramona Mendonça Vieira, em **Jogos na Educação Infantil**, publicado pela Universidade Cândido Mendes, que inclusive pode fazer com que ela se torne mais simples para as crianças:

Uma criança ficará no centro do pátio. Ao redor dela, a professora desenhará tantas ‘toquinhas’ quantas forem as demais crianças, para que todas participem do jogo. Cada uma delas ficará dentro de uma ‘toquinha’. Quando a professora disser: ‘Coelhinho, sai da toca’, todas as crianças deverão trocar de toca, dando, assim, oportunidade à que está no centro de entrar em uma toca. Quem ficou sem toca irá para o centro e o jogo prosseguirá.

VIEIRA, Ramona Mendonça. **Jogos na Educação Infantil**. Trabalho monográfico. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012. Disponível em: <www.avm.edu.br/monopdf/7/RAMONA%20MENDONCA%20VIEIRA.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

É interessante perceber que quase sempre é possível adaptar brincadeiras, seja em razão da faixa etária das crianças, seja pelas condições do ambiente, do número de crianças disponíveis para brincar etc. Desse modo, selecionar a variação da brincadeira que mais faz sentido para a turma é muito importante.

Cuca

A cuca é uma receita de origem alemã, muito consumida na região Sul do Brasil. Em Santa Cruz do Sul, cidade gaúcha, acontece a Festa da Cuca, sempre no mês de junho. A cuca é um bolo que pode ser de feito com frutas, como banana, abacaxi ou maçã, ou de chocolate ou goiabada.

Ingredientes

Massa:

- 3 ovos
- 2 colheres de sopa de margarina
- 1 xícara de leite
- 3 xícaras de farinha de trigo
- 2 colheres de sopa de fermento
- 2 xícaras de açúcar
- 1 pitada de sal
- 2 maçãs
- Canela

Farofa:

- 2 colheres de sopa de margarina
- 1 xícara de açúcar
- 3 colheres de sopa de farinha de trigo

Como fazer:

Esta é uma receita que pode ser feita à mão, sem usar batedeira.

Misturar o açúcar com a margarina até virar um creme. Adicionar os ovos, a farinha, o leite, o fermento, o sal e misturar. O ideal é que a farofa fique bem grossa.

Para isso, misturar os ingredientes devagar e não mexer muito. Untar uma forma com margarina e despejar a massa. Colocar as maçãs picadas em pedaços não muito grandes para não afundar na forma.

Por último, jogar a farofa, salpicar canela e levar ao forno, em temperatura média, por aproximadamente 40 minutos.

Orientações didáticas

A utilização de aulas de culinária na Educação Infantil tem se mostrado cada vez mais popular nos dias de hoje. Essa é uma atividade rica, que proporciona momentos que incentivam o aprendizado, a sociabilidade e a cooperação entre crianças de todas as faixas etárias.

Vale lembrar que a prática da culinária entre as crianças tem se fortalecido especialmente em razão da popularização de programas culinários na televisão. Desse modo, realizar pequenas aulas de culinária pode ser algo estimulante tanto para as crianças que já apreciam essa prática como para aquelas que simplesmente gostam de auxiliar os adultos na cozinha. Já as crianças que não tem familiaridade com o ato de cozinhar podem se encantar com a atividade nas aulas, descobrindo, assim, gostos e habilidades antes desconhecidos. De todo o modo, entre os objetivos do trabalho com a culinária na Educação Infantil, podemos citar: levar as crianças a perceber o cuidado necessário com a manipulação dos alimentos; incentivar hábitos saudáveis entre elas; levar as crianças a perceber que cozinhar é um processo que exige paciência, concentração e preparo; incentivar o ato de compartilhar a comida com os outros colegas; dar às crianças a oportunidade de tocar, de sentir e de cheirar alimentos desconhecidos.

É importante considerar que, segundo orientações tanto da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto do Ministério da Saúde do Brasil, os bebês não devem consumir açúcar no primeiro ano de vida. Em 2016, a Academia Americana de Pediatria fez uma importante alteração nessa recomendação: o açúcar deve ser introduzido na dieta dos bebês somente após os dois anos de idade. Portanto, é fundamental saber se a família ou cuidadores das crianças seguem essas recomendações. Em todos os casos, é necessário respeitá-las. Uma sugestão interessante é substituir o açúcar usado na receita por uvas passas trituradas no liquidificador ou no processador. É muito comum que livros de culinária para bebês e crianças mais novas utilizem a opção de adoçar bolos dessa maneira.

O uso do ovo na receita também merece cuidados: alguns bebês menores de um ano já podem apresentar, em algum grau, uma espécie de alergia a esse alimento. Hoje é comum que, durante a introdução alimentar dos bebês, ofereça-se ovo (sob orientação do pediatra) com o intuito de checar se a criança é alérgica ou não a esse alimento.

Essa “aula de culinária” pode ser realizada com crianças de todas as faixas etárias, sendo que a preparação do alimento deve ser feita pelo professor. Em turmas de crianças maiores, com três anos de idade, é possível eleger “ajudantes”.

A lenda da erva-mate

Conta a lenda que havia um guerreiro que vivia com sua filha, Yari, na comunidade guarani. Ele já não podia mais sair de sua cabana, pois já estava velho e cansado. Yari já tinha recusado muitos pedidos de casamento para ficar ao lado de seu pai. Certo dia, eles receberam a visita de um viajante que dormiu na cabana. A indígena cantou um canto suave e triste para que o jovem adormecesse.

No dia seguinte, o viajante revelou ser um enviado de Tupã e concedeu-lhes um desejo para retribuir a hospitalidade. O velho desejou que suas forças fossem recobradas para que Yari pudesse se casar.

O mensageiro de Tupã entregou ao velho um galho de árvore com folhas verdes de Caá, ensinando-lhe a preparar uma infusão que lhe devolveria toda a força e vigor. Yari foi transformada em deusa dos ervais e protetora dos Guaranis, sendo chamada de Caá-Yari, a deusa da erva-mate.

A erva-mate é bastante consumida no Rio Grande do Sul. Muitos gaúchos costumam oferecê-la aos visitantes, demonstrando assim sua hospitalidade. Ela é bebida em uma cuia, onde a erva é colocada moída e, por cima, água quente sem ferver.

Orientações didáticas

Essa atividade, indicada para todas as faixas etárias, combina a “contação de histórias” com a prática da culinária.

Entre os principais objetivos dessa atividade podemos destacar: compartilhar com as crianças uma lenda importante para o repertório folclórico da região Sul, estimular o gosto delas pela cultura tradicional e pelo conhecimento de lendas ligadas a povos indígenas da região em que vivem, mostrar cuidados com a manipulação dos alimentos e incentivar hábitos saudáveis.

Tanto em relação aos bebês menores como às crianças mais velhas, o indicado é realizar a contação de história antes da aula de culinária sobre o chá-mate. Organizar as crianças em roda e contar a lenda, utilizando-se de recursos como instrumentos de percussão (como chocalhos ou pandeiros), diferentes entonações na voz, fantoches e até mesmo imagens.

O uso de fantoches pode enriquecer a atividade narrativa, servindo de estímulo visual até mesmo para os bebês menores. Pode-se confeccionar os fantoches em conjunto com as crianças ou trazê-los prontos para a aula. São necessários três fantoches, para os três personagens da lenda: Yari, a indígena; seu pai, o guerreiro; e o mensageiro de Tupã.

Para saber mais sobre a erva-mate, selecionamos o texto a seguir. Se desejar, pode conversar com as crianças maiores sobre as propriedades e os usos da erva-mate, com base nas informações deste texto:

O mate começou a ser utilizado pelos colonizadores no Brasil e no Paraguai, por volta de 1541. Os documentos da época registram que havia uma bebida usada pelos nativos da região do Guaíra [...]. Após vários anos, sendo conhecida como Erva do Paraguai ou Chá do Paraguai, a erva passou a ser chamada de erva-mate.

Conhecida principalmente pelo chimarrão e chás, a erva-mate pode ser utilizada também como insumos para alimentos, medicamentos, higiene e produtos de uso pessoal.”

Além disso, a Erva-Mate possui propriedades medicinais, podendo ser usada como estimulante dos nervos e músculos, diurético, digestivo, e também é benéfica nas gripes e resfriados. A cafeína contida na erva-mate atua em casos de cólicas renais, depressões nervosas e fadigas cerebrais em geral.

[...]

O termo mate é proveniente da língua quíchua "mati" que era a designação da cuia, ou do recipiente onde é feita a infusão das folhas trituradas da erva, com a água. Este nome passou do recipiente ao seu conteúdo, sendo adotado a palavra Mate, em toda a América do Sul, para denominar a bebida feita da erva-mate."

FLORESTA também tem sabor. In: **Informativo da Embrapa Florestas**. Edição especial, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/992490/1/EdicaoEspecialDez0001.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

Referências bibliográficas

- A LENDA da erva-mate. Disponível em: <www.erva-mate.com/a-lenda-da-erva-mate/>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- BALAIÓ. In: **Sarandeiros**. Disponível em: <www.sarandeiros.com.br/?p=1246>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- BONOME-PONTOGLIO, Carina de Figueiredo; MATURANO, Edna Maria. **Brincando na creche:** atividades com crianças pequenas. Estudos de Psicologia. Campinas, SIBi/USP, n.3, 2010. v.27, p. 368. Disponível em: <<http://producao.usp.br/handle/BDPI/7880>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- CUCA. Disponível em: <www.festadascucas.com.br>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- DANTAS, Gisarla Pereira. **O brincar no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Senac, 2017. (ePub)
- FLORESTA também tem sabor. In: **Informativo da Embrapa Florestas**. Edição especial, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/992490/1/EdicaoEspecialDez0001.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- GIANNELLA JR., Fulvio. **Folclore Brasileiro**. São Paulo: Globo, 2006. Coleção Almanaque da turma do Sítio.
- MAPA do brincar. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- PAU de fita. In: **Cultura do Sul**. Disponível em: <<http://regiao-sul.info/cultura-do-sul.html>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- PEZINHO. In: **Algumas danças gaúchas**. Disponível em: <<http://ctgriograndesemfronteiras.com.br/dancas.html>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- SILVEIRA, Andréa Regina Fonseca. **Faz melão, faz melancia:** um relato sobre dança, educação infantil e educação física. (zero a seis). Florianópolis, UFSC, n. 25. v. 14, p. 81-88. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/1980-4512.2012n25p81/20084>>. Acesso em: 22 jan. 2018.